

Andrea Branzi

Lugares de Quietude

BÁRBARA COUTINHO | barbaracoutinho@netcabo.pt

Quem de nós nunca viveu, como uma revelação, experiências espaciais que nos recolheram a um estado de silêncio, a uma quietude que não dá lugar a qualquer palavra e som, a um momento de pausa, evasão e introspecção? Mas como se traduz espacialmente essa sensação de silêncio? Podemos afirmar pode materializar-se numa depuração formal e simplicidade geométrica, sem distrações ou apontamentos supérfluos, mas também através de um branco apaziguador ou de uma luz que traz a sua sombra enquanto convida à meditação. Andrea Branzi (Florença, 1938), arquitecto, designer e teórico, co-fundador da *Domus Academy* e actualmente professor do Politécnico de Milão, tem vindo a desenhar vários lugares de quietude, momentos em que o tempo é suspenso, como por exemplo *Piccolo Albero* (1991), *Vertical Home* (1994) e *Portali* (2007). Em todas estas propostas, reinterpreta as noções de objecto, espaço e lugar para explorar um diferente entendimento da arquitectura e design. Esta reflexão vem sendo desenvolvida desde os tempos do colectivo radical *Archizoom Associati* (1966-1974), quando debatia o lugar do design no sistema capitalista, e prossegue quando funda o *Studio Alchimia* (1977) e se torna membro do *Grupo Memphis* (1981), movimento que reconsidera o carácter efémero dos objectos e faz a apologia da ironia, da irreverência e da crítica. *Piccolo Albero* é uma estante construída a partir do abraço de vários opostos, do natural e artificial, do saber ancestral e da tecnologia industrial e de dois tempos diferentes, sendo exemplar da sensibilidade e poética de Branzi. Com um grande purismo estético, uma moldura vertical em metal lacado a cor de alumínio delimita um lugar singular habitado por um tronco de cujos ramos nascem (ou se justapõem) prateleiras em metal. A beleza vive da qualidade dos pormenores e da harmonia entre metal rígido, brilhante e rigorosamente geométrico e o tronco (im)perfeito e orgânico. Mais do que responder a uma determinada função prática, esta pequena árvore remete para uma paisagem de afectos e memórias, talvez mesmo simbólica, para um lugar de evasão e adoração perante o qual permanecemos em silêncio. Estamos perante um objecto (ou um lugar) com um valor escultórico muito particular. Para Branzi, o mais importante é revelar a complementaridade e a poesia existente entre os elementos naturais e as matérias tecnológicas, sabendo que a natureza não é um elemento passivo com uma mera função decorativa. É trabalhada pela sua energia transmutável e, como tal, o tronco ou, em outros casos, as flores, folhas e ramos, são objectos de uma transmutação de forma a criar estruturas híbridas. Recordemos a este propósito a série *Animali Domestici* (1985-86), estranhas criaturas-objectos que Branzi faz habitar no nosso espaço privado, defendendo um novo relacionamento entre o homem e o meio ambiente¹.

Em 1994, Branzi volta a reflectir sobre o espaço habitacional ao desenvolver um outro projecto experimental. *Vertical Home* (370x375x80cm) é uma peça de mobiliário modular colocada junto à parede e que pode assumir uma variedade de lugares domésticos – uma cama, uma mesa, uma estante, etc. – e assim, transformar-se num espaço imaginário ou numa instalação sobre os conceitos de habitação, mas também sobre os nossos afectos e a relação entre o nosso corpo e o lugar que habitamos. Uma metáfora que discute a intenção de cada objecto

e o modo centenário de habitar o espaço privado, encontrando novos sentidos. Ao olhá-la como uma paisagem, (de)construímos em silêncio os gestos habituais do nosso quotidiano e tornamo-nos mais conscientes deles. Enquanto quadro tridimensional ou poema visual, *Vertical Home* recorda-nos a proposta de Michelangelo Pistoletto, *Quadro da Pranzo* (200x200x50cm) de 1965. Colocando de parte os seus habituais espelhos, Pistoletto utiliza um material natural e pobre, a madeira, e com um gesto simples, mas bastante significativo, herdeiro da *secura* e rigor minimalistas, constrói um quadro tridimensional. Assente directamente no chão, é um lugar de convite, uma obra aberta, com a sua mesa e dois bancos vazios e em silêncio. Incita-nos a entrar na própria obra para conversar frente-a-frente, tornando este espaço num lugar habitado, ou a permanecer perante ele contemplando-o como uma pintura. Mais recentemente, Branzi volta a criar diferentes microcosmos de sossego uma vez que procura “objectos com alma”, peças que sejam capazes de criar com o utilizador uma “relação poética, afectiva, simbólica e psicológica”². *Portali* é uma edição limitada de 18 peças de cerâmica branca, muito semelhantes entre si pelo material, cor, formato e dimensões (50x50x10cm). Mas, dentro de cada moldura, um universo é construído a partir de simples referências. E, mais uma vez, é a natureza a fazê-lo através de diferentes flores, ramos e troncos de árvore combinados com vasos brancos, de diferentes formas e tamanhos. O branco é dominante e as notas de cada composição são dadas pelas formas naturais em presença. Segundo Branzi, cada peça é uma paisagem arquitectónica a desabrochar, uma evocação da natureza que se renova no tempo e no espaço. A este respeito é representativa a peça com um bonsai e um pequeno sino suspenso, pois estamos perante um som anunciado, reconhecível mesmo antes de o ouvirmos. Podemos assim falar destas peças como pequenos altares ou lugares sagrados, uma vez que Branzi defende que o papel da arquitectura e do design é criarem lugares de significação e consagração onde se procure um sentido para o todo, tal como acontecia nas antigas civilizações. Dai interessar-se pelas práticas japonesas de Ikebana e Tokonoma.

Em *Piccolo Albero*, tal como em *Vertical Home* e *Portali*, consegue criar uma materialidade silenciosa através de um diálogo sensível com a natureza, da redução de meios, matérias e técnicas e da busca da essencialidade de cada peça. Esta quietude nasce igualmente de uma poética sensível que vive de uma depuração formal e iluminação cuidada. Obra após obra, vai construindo um universo onde dilui as fronteiras entre interior/exterior, natural/artificial, cheio/vazio, forma/função, natural/artificial, arquitectura/design, escultura/construção funcional. São, antes de mais, sistemas abertos, lugares efémeros, translúcidos e penetráveis, fluidos e reversíveis, híbridos, flexíveis e simbólicos, todos elementos caracterizadores da sua teoria de uma Segunda Modernidade.³ ■

¹ Branzi, *Animali Domestici*, 1987.

² Branzi, «Making the world habitable», 1992.

³ Esta teoria tem vindo a ser desenvolvida em artigos e ensaios, por exemplo *Learning from Milan. Design and the Second Modernity* (1988) ou “Une Modernité faible et diffuse” (2003).



Andrea Branzi, *Piccolo Albero*, 1991